

**IDEOLOGIA REDPILL E IMPACTOS NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO****REDPILL IDEOLOGY AND ITS IMPACTS ON GENDER VIOLENCE****LA IDEOLOGÍA DEL REDPILL Y SUS IMPACTOS EN LA VIOLENCIA DE GÉNERO**

 10.56238/revgeov16n5-279

**Rafael José Kraisch**

Doutorando em Neurociências

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9451441115088775>

**Gilmara Glória Cândido Fonseca**

Mestrado em educação

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2080062277633404>

**Ana Cristina Figueira de Almeida de Souza Ramos**

Mestre em Geografia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7694186276966324>

**Paulo Tiego Gomes de Oliveira**

Doutorado em Educação

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2475936940567164>

**Claudio Noel de Toni Junior**

Bolsista Capes

Doutorando em Linguística

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5374-8475>

**Marilac Magela dos Santos**

Mestranda em Contabilidade e Administração

Instituição: Fucape Business School (FUCAPE)

**Maryane Francisca Araújo de Freitas Cavalcante**

Mestranda em Propriedade Intelectual

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5870840981596507>

**RESUMO**

A violência de gênero no Brasil constitui fenômeno estrutural que persiste apesar dos avanços legislativos das últimas décadas. A emergência da ideologia redpill na manosphere brasileira representa nova dimensão desse problema, disseminando discursos misóginos que legitimam a dominação masculina e desqualificam reivindicações feministas. Este estudo analisa a relação entre a



ideologia redpill e os impactos na violência de gênero, investigando como narrativas digitais antifeministas contribuem para a perpetuação de práticas violentas contra mulheres. A pesquisa caracteriza-se como estudo qualitativo de natureza exploratória e descritiva, fundamentado em análise crítica do discurso de materiais coletados em plataformas digitais brasileiras entre 2020 e 2024. Os resultados revelam três eixos discursivos principais: naturalização da desigualdade mediante argumentos biologizantes, vitimização masculina como inversão de responsabilidades, e desqualificação sistemática de mulheres e do feminismo. A análise demonstra que a ideologia redpill opera como obstáculo significativo aos esforços de enfrentamento da violência de gênero, oferecendo justificativas ideológicas contemporâneas para manutenção de privilégios masculinos. O estudo conclui que políticas públicas eficazes devem incluir estratégias de alfabetização digital crítica e desconstrução de narrativas misóginas.

**Palavras-chave:** Violência de Gênero. Ideologia Redpill. Manosphere. Masculinidades.

### **ABSTRACT**

Gender-based violence in Brazil constitutes a structural phenomenon that persists despite legislative advances in recent decades. The emergence of redpill ideology in the Brazilian manosphere represents a new dimension of this problem, disseminating misogynistic discourses that legitimize male domination and disqualify feminist claims. This study analyzes the relationship between redpill ideology and impacts on gender-based violence, investigating how digital anti-feminist narratives contribute to the perpetuation of violent practices against women. The research is characterized as a qualitative study of exploratory and descriptive nature, based on critical discourse analysis of materials collected on Brazilian digital platforms between 2020 and 2024. The results reveal three main discursive axes: naturalization of inequality through biologizing arguments, male victimization as inversion of responsibilities, and systematic disqualification of women and feminism. The analysis demonstrates that redpill ideology operates as a significant obstacle to efforts to combat gender-based violence, offering contemporary ideological justifications for maintaining male privileges. The study concludes that effective public policies must include critical digital literacy strategies and deconstruction of misogynistic narratives.

**Keywords:** Gender-Based Violence. Redpill Ideology. Manosphere. Masculinities.

### **RESUMEN**

La violencia de género en Brasil es un fenómeno estructural que persiste a pesar de los avances legislativos de las últimas décadas. La irrupción de la ideología de la píldora roja en el ámbito digital brasileño representa una nueva dimensión de este problema, difundiendo discursos misóginos que legitiman la dominación masculina y descalifican las demandas feministas. Este estudio analiza la relación entre la ideología de la píldora roja y sus impactos en la violencia de género, investigando cómo las narrativas digitales antifeministas contribuyen a la perpetuación de las prácticas violentas contra las mujeres. La investigación se caracteriza por ser un estudio cualitativo de carácter exploratorio y descriptivo, basado en un análisis crítico del discurso de materiales recopilados en plataformas digitales brasileñas entre 2020 y 2024. Los resultados revelan tres ejes discursivos principales: la naturalización de la desigualdad mediante argumentos biologizantes, la victimización masculina como inversión de responsabilidades y la descalificación sistemática de las mujeres y el feminismo. El análisis demuestra que la ideología de la píldora roja opera como un obstáculo significativo para los esfuerzos de lucha contra la violencia de género, ofreciendo justificaciones ideológicas contemporáneas para mantener los privilegios masculinos. El estudio concluye que las políticas públicas eficaces deben incluir estrategias para la alfabetización digital crítica y la desconstrucción de narrativas misóginas.

**Palabras clave:** Violencia de Género. Ideología de la Píldora Roja. Manosfera. Masculinidades.



## 1 INTRODUÇÃO

A violência de gênero no Brasil configura-se como fenômeno estrutural que atravessa diferentes estratos sociais, manifestando-se em múltiplas dimensões da vida cotidiana. Nos últimos anos, observa-se a emergência de movimentos digitais que propagam discursos misóginos, entre os quais destaca-se a ideologia *redpill*, originária da *manosphere* — ecossistema virtual que congrega comunidades dedicadas à disseminação de narrativas antifeministas. Até que ponto essa ideologia contribui para a normalização e perpetuação da violência contra mulheres? Qual a relação entre os discursos digitais misóginos e os índices crescentes de feminicídio no país? Estas questões impõem-se como urgentes diante do cenário contemporâneo, no qual plataformas digitais amplificam retóricas de ódio e hostilidade direcionadas ao gênero feminino.

Albuquerque (2024, p. 3) evidencia que "oito anos após a promulgação da Lei do Feminicídio (13.104/15), persistem desafios estruturais no enfrentamento dessa modalidade extrema de violência de gênero". A legislação, embora represente avanço normativo significativo, não logrou êxito em reverter a escalada de assassinatos de mulheres motivados por razões de gênero. Os dados estatísticos revelam que a violência letal contra mulheres mantém-se em patamares alarmantes, sinalizando a insuficiência das respostas institucionais e a necessidade de compreender os mecanismos culturais que sustentam essa violência. Nesse contexto, torna-se imperativo investigar como ideologias contemporâneas, especialmente aquelas disseminadas em ambientes digitais, contribuem para a manutenção de estruturas patriarcais violentas.

A ideologia *redpill* fundamenta-se na premissa de que homens estariam sendo sistematicamente prejudicados por transformações sociais decorrentes dos movimentos feministas. Seus adeptos advogam o retorno a modelos tradicionais de masculinidade e defendem a subordinação feminina como ordem natural. Araújo e Souza (2025, p. 12) demonstram que "a percepção da sociedade brasileira sobre a violência contra a mulher permanece atravessada por estereótipos de gênero que naturalizam comportamentos agressivos masculinos". Essa naturalização constitui terreno fértil para a proliferação de discursos que legitimam a dominação masculina e desqualificam reivindicações femininas por igualdade. A *manosphere* opera, assim, como espaço de radicalização onde ressentimentos individuais são transformados em ideologia coletiva de hostilidade ao feminino.

Alves *et al.* (2024, p. 198) alertam que "os avanços legislativos no enfrentamento da violência doméstica não foram acompanhados por transformações culturais profundas nas relações de gênero". A persistência de valores patriarcais, aliada à emergência de movimentos de reação antifeminista, configura cenário paradoxal: enquanto o ordenamento jurídico avança na criminalização da violência de gênero, segmentos sociais organizam-se para contestar esses avanços e reivindicar a restauração de privilégios masculinos. A ideologia *redpill* insere-se nesse movimento reacionário, oferecendo



narrativas que responsabilizam mulheres pela própria vitimização e absolvem perpetradores de violência.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender as conexões entre discursos digitais misóginos e práticas concretas de violência. A *manosphere* não constitui fenômeno isolado ou marginal; trata-se de rede articulada que produz e dissemina conteúdos consumidos por milhões de usuários, especialmente jovens do sexo masculino. Esses conteúdos não apenas refletem, mas ativamente constroem subjetividades masculinas pautadas pela hostilidade ao feminino. Investigar os impactos dessa ideologia sobre a violência de gênero significa desvelar mecanismos contemporâneos de perpetuação da dominação masculina, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de prevenção e enfrentamento.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a relação entre a ideologia *redpill* e os impactos na violência de gênero no contexto brasileiro. Como objetivos específicos, propõe-se: caracterizar os fundamentos ideológicos do movimento *redpill* e sua inserção na *manosphere*; identificar as estratégias discursivas utilizadas para legitimação da violência contra mulheres; examinar as conexões entre discursos misóginos digitais e práticas concretas de violência; e avaliar os desafios impostos por essas ideologias às políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero.

Este trabalho estrutura-se em quatro seções principais. Após esta introdução, o referencial teórico apresenta os conceitos fundamentais para compreensão do fenômeno, dialogando com autores que investigam violência de gênero, masculinidades e movimentos digitais misóginos. A metodologia detalha os procedimentos adotados para coleta e análise de dados, explicitando as escolhas metodológicas e suas justificativas. Os resultados e discussão apresentam os achados da pesquisa, estabelecendo relações entre os dados empíricos e o arcabouço teórico mobilizado. Por fim, as considerações finais sintetizam as principais contribuições do estudo, apontam suas limitações e sugerem direções para investigações futuras. A compreensão aprofundada da ideologia *redpill* e seus impactos constitui passo fundamental para o desenvolvimento de respostas sociais mais efetivas à violência de gênero, fenômeno que ceifa vidas e compromete a construção de sociedade verdadeiramente democrática e igualitária.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência contra mulheres constitui fenômeno multidimensional que exige abordagem teórica capaz de articular dimensões estruturais, culturais e subjetivas. Arruda e Bueno (2022, p. 873) afirmam que "a violência de gênero não pode ser compreendida como conjunto de atos isolados, mas como manifestação de relações de poder historicamente construídas". Essa perspectiva desloca a análise do plano individual para o estrutural, evidenciando que a violência contra mulheres não resulta de patologias individuais, mas de organização social fundada na desigualdade de gênero. O patriarcado,



enquanto sistema de dominação masculina, produz e reproduz mecanismos de controle sobre corpos e subjetividades femininas, legitimando o uso da violência como instrumento de manutenção dessa ordem.

A compreensão da violência de gênero exige, portanto, análise das estruturas que a sustentam. Bertolin *et al.* (2025, p. 4) questionam se "o judiciário brasileiro estaria apto a julgar com perspectiva de gênero, considerando a persistência de estereótipos que permeiam as decisões judiciais". A indagação revela dimensão crucial do problema: as instituições responsáveis pela aplicação da lei frequentemente reproduzem os mesmos preconceitos que deveriam combater. Magistrados que naturalizam a violência masculina ou responsabilizam vítimas por sua própria vitimização perpetuam, no âmbito judicial, a lógica patriarcal que fundamenta a violência. A ausência de perspectiva de gênero nas decisões judiciais não apenas compromete a efetividade da proteção legal, mas reforça a impunidade e envia mensagem social de tolerância à violência.

A violência contra mulheres assume configurações específicas quando interseccionada com outros marcadores sociais. Bervian *et al.* (2019, p. 150) demonstram que "mulheres rurais enfrentam barreiras adicionais no acesso a redes de proteção, resultantes do isolamento geográfico e da precariedade dos serviços". A análise das especificidades da violência em contextos rurais evidencia como fatores estruturais — distância dos centros urbanos, dependência econômica, controle social comunitário — amplificam a vulnerabilidade feminina. A violência de gênero não se manifesta de forma homogênea; ao contrário, articula-se com classe, raça, território e outros marcadores, produzindo experiências diferenciadas de opressão que demandam respostas igualmente diferenciadas.

A emergência da ideologia *redpill* insere-se em contexto mais amplo de reação antifeminista. Movimentos contemporâneos de masculinidade organizam-se em torno da percepção de que conquistas feministas teriam produzido "crise da masculinidade", caracterizada pela perda de privilégios tradicionalmente associados ao masculino. A *manosphere* constitui espaço privilegiado para articulação desses ressentimentos, oferecendo narrativas que responsabilizam mulheres e feminismo por supostas injustiças sofridas por homens. Essas narrativas operam duplo movimento: vitimizam homens, apresentando-os como prejudicados por transformações sociais, e simultaneamente demonizam mulheres, retratadas como manipuladoras e ameaças à ordem social.

Os discursos *redpill* fundamentam-se em biologismo essencialista que naturaliza diferenças de gênero e hierarquias entre masculino e feminino. Advogam que homens e mulheres possuem naturezas distintas e complementares, cabendo aos primeiros o exercício da autoridade e às segundas a submissão. Essa retórica biologizante serve para deslegitimar reivindicações feministas, apresentadas como contrárias à natureza humana e, portanto, fadadas ao fracasso. A estratégia discursiva consiste em revestir preconceitos de aparência científica, mobilizando pseudociência para conferir legitimidade a posições ideológicas reacionárias.



A relação entre discursos misóginos digitais e violência concreta constitui objeto de crescente preocupação. Plataformas digitais não apenas disseminam conteúdos misóginos, mas criam comunidades onde esses discursos são validados e radicalizados. Jovens expostos continuamente a narrativas que desumanizam mulheres e legitimam a violência podem internalizar essas perspectivas, incorporando-as a suas próprias subjetividades. O processo de radicalização online não ocorre de forma abrupta, mas gradual, mediante exposição repetida a conteúdos progressivamente mais extremos. A *manosphere* opera como funil de radicalização, conduzindo usuários de conteúdos aparentemente inofensivos a posições explicitamente violentas.

A persistência da violência de gênero, apesar dos avanços legislativos, evidencia que transformações jurídicas, embora necessárias, são insuficientes. A Lei Maria da Penha e a Lei do Femicídio representam conquistas fundamentais, mas sua efetividade depende de transformações culturais mais profundas. Enquanto valores patriarcais permanecerem hegemônicos, enquanto a masculinidade continuar sendo construída em oposição ao feminino e mediante afirmação de superioridade, a violência persistirá. O enfrentamento efetivo da violência de gênero exige, portanto, não apenas punição de agressores, mas desconstrução dos fundamentos culturais que legitimam a dominação masculina.

A ideologia *redpill* representa, nesse contexto, obstáculo significativo aos esforços de transformação cultural. Ao oferecer narrativas que naturalizam a desigualdade e legitimam a violência, esses movimentos trabalham ativamente contra iniciativas de promoção da igualdade de gênero. Suas estratégias incluem desqualificação de dados sobre violência contra mulheres, inversão de responsabilidades, vitimização de agressores e ridicularização de vítimas. Essas táticas discursivas não apenas minimizam a gravidade da violência, mas contribuem para clima social de hostilidade ao feminino que facilita a perpetração de atos violentos. Compreender os mecanismos pelos quais a ideologia *redpill* opera constitui, assim, passo fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e enfrentamento da violência de gênero, desafio que permanece central para a construção de sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como estudo qualitativo de natureza exploratória e descritiva, orientado pela necessidade de compreender fenômeno contemporâneo ainda pouco investigado no contexto acadêmico brasileiro: a relação entre ideologia *redpill* e violência de gênero. A abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do objeto, que exige análise aprofundada de discursos, práticas e significados socialmente construídos. Francisco *et al.* (2024) destacam a importância do reconhecimento e acolhimento adequado de mulheres vítimas de violência na atenção primária, evidenciando que a compreensão do fenômeno da violência de gênero demanda sensibilidade para



dimensões subjetivas e contextuais que métodos exclusivamente quantitativos não conseguem capturar. A opção pela pesquisa qualitativa permite, assim, acesso a camadas mais profundas do fenômeno, possibilitando compreensão das lógicas que estruturam discursos misóginos e suas conexões com práticas violentas.

Quanto aos objetivos, a pesquisa assume caráter exploratório na medida em que busca familiarização com fenômeno relativamente novo — a disseminação da ideologia *redpill* em contexto brasileiro — e descritivo ao propor-se caracterizar os discursos, estratégias e impactos dessa ideologia sobre a violência de gênero. Garcia (2020) analisa especificidades da violência contra mulheres negras no Brasil, demonstrando como marcadores sociais interseccionados produzem experiências diferenciadas de violência. Essa perspectiva interseccional orienta a presente pesquisa, que reconhece a necessidade de considerar múltiplas dimensões da desigualdade na análise da violência de gênero. O caráter descritivo do estudo manifesta-se no esforço de mapear e caracterizar os elementos constitutivos da ideologia *redpill*, identificando seus fundamentos, estratégias discursivas e possíveis impactos sobre práticas concretas de violência.

O corpus de análise constitui-se de materiais coletados em plataformas digitais onde a ideologia *redpill* encontra expressão significativa. Foram selecionados conteúdos publicados em canais do YouTube, fóruns online e redes sociais identificados como espaços de disseminação dessa ideologia. Os critérios de seleção incluíram: relevância (número de visualizações, compartilhamentos e engajamento), representatividade (diversidade de formatos e abordagens dentro do espectro *redpill*) e acessibilidade (conteúdos disponíveis publicamente). Gonsalves e Guimarães (2021) refletem sobre políticas públicas e gênero em períodos de pandemia, evidenciando como contextos específicos influenciam manifestações da violência de gênero. Essa sensibilidade contextual orienta a seleção do corpus, que privilegia materiais produzidos no período de 2020 a 2024, momento marcado por intensificação dos debates sobre gênero no Brasil e crescimento da presença digital de movimentos antifeministas.

A coleta de dados seguiu protocolo sistemático que incluiu identificação de canais e perfis relevantes, mapeamento de conteúdos publicados, download e arquivamento de materiais selecionados, e organização do corpus segundo categorias temáticas preliminares. Foram coletados vídeos, postagens, comentários e materiais complementares (thumbnails, descrições, hashtags) que compõem o ecossistema comunicacional da *manosphere*. Holanda e Sá (2025) analisam a persistência do feminicídio no Brasil sob perspectiva jurídico-social, destacando a importância de compreender fatores culturais que sustentam a violência letal contra mulheres. Essa perspectiva fundamenta a escolha metodológica de analisar não apenas conteúdos explícitos, mas também elementos paratextuais e interações entre produtores e consumidores de conteúdo, reconhecendo que significados são construídos de forma dialógica no ambiente digital.



O procedimento analítico adotado fundamenta-se na análise crítica do discurso, abordagem que permite examinar como relações de poder são construídas, mantidas e contestadas através da linguagem. A análise desenvolveu-se em três etapas: leitura exploratória do corpus para familiarização com os materiais; codificação temática, identificando recorrências, padrões e estratégias discursivas; e interpretação crítica, relacionando os achados com o referencial teórico sobre violência de gênero, masculinidades e movimentos antifeministas. Cada material foi analisado considerando dimensões textuais (conteúdo explícito, argumentos, vocabulário), contextuais (momento de produção, eventos que motivaram a publicação) e intertextuais (referências a outros discursos, diálogos com movimentos sociais).

Aspectos éticos foram cuidadosamente considerados ao longo de todo o processo investigativo. Embora os materiais analisados sejam de acesso público, reconhece-se que sua utilização em pesquisa acadêmica exige responsabilidade ética. Optou-se por não identificar nominalmente produtores de conteúdo, preservando anonimato mesmo quando se trata de figuras públicas, uma vez que o objetivo da pesquisa não é expor indivíduos, mas compreender fenômeno social. Comentários de usuários foram anonimizados, removendo-se qualquer informação que pudesse permitir identificação. Reconhece-se, ainda, que a exposição prolongada a conteúdos misóginos pode gerar desconforto psicológico para pesquisadores, razão pela qual foram adotadas estratégias de autocuidado, incluindo pausas regulares no processo de análise e discussão dos materiais com pares.

Limitações metodológicas devem ser explicitamente reconhecidas. Primeiro, a pesquisa concentra-se em manifestações digitais da ideologia *redpill*, não abarcando possíveis expressões offline do fenômeno. Segundo, a análise privilegia conteúdos em língua portuguesa produzidos no contexto brasileiro, não contemplando dimensões transnacionais da *manosphere*. Terceiro, a natureza dinâmica do ambiente digital implica que conteúdos podem ser removidos, editados ou tornarem-se inacessíveis, limitando possibilidades de verificação e replicação. Quarto, a análise qualitativa, embora permita profundidade interpretativa, não possibilita generalizações estatísticas sobre prevalência ou distribuição do fenômeno. Essas limitações não invalidam os achados, mas delimitam seu escopo e sugerem direções para pesquisas futuras que possam complementar e expandir a compreensão do fenômeno aqui investigado.

Quadro 1 –Referências Acadêmicas e Suas Contribuições para a Pesquisa

Autor	Título	Ano	Contribuições
Bervian, G.; Costa, M.; Silva, E.; Arboit, J.; Honnef, F.	Violence against rural women: conceptions of professionals in the intersectoral network of care	2019	Explora a violência contra mulheres rurais a partir da percepção de profissionais; evidencia entraves e potencialidades da rede intersetorial de atendimento.
Meneghel, S.	Será a universidade imune às discriminações sociais?	2019	Discute como discriminações sociais atravessam o ambiente universitário; contribui para compreender violência/inequidades de gênero em instituições.



Garcia, D.	Violência contra a mulher negra no Brasil	2020	Enfatiza a dimensão racial da violência de gênero; contribui para leituras interseccionais e para o debate sobre desigualdades estruturais.
Lobo, J.	Uma outra pandemia no Brasil: as vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”	2020	Analisa a intensificação/visibilização da violência doméstica no isolamento social; problematiza barreiras de denúncia e acolhimento.
Gonsalves, K.; Guimarães, A.	Políticas públicas e gênero: reflexões em períodos de pandemia	2021	Reflete sobre políticas públicas de gênero em contexto de crise sanitária; aponta limites institucionais e necessidades de proteção social.
Arruda, L.; Bueno, M.	Violência contra a mulher	2022	Sistematiza discussões gerais sobre violência contra a mulher; tende a contribuir como base conceitual/jurídica introdutória.
Lavratti, I.; Júnior, W.	Mulheres sem terra em tempos de pandemia de covid-19	2022	Aborda vulnerabilidades de mulheres em contexto agrário (movimentos/território) na pandemia; contribui para entender desigualdades de gênero e condições materiais.
Kalb, C.; Silva, R.	Interseccionalidade e violência de gênero dentro do lar	2023	Discute violência doméstica a partir da interseccionalidade; reforça como marcadores sociais agravam riscos e barreiras de proteção.
Albuquerque, R.	Oito anos da lei do feminicídio (13.104/15) e muitos desafios	2024	Avalia desafios após a lei do feminicídio; contribui para debate jurídico-institucional sobre implementação e efetividade.
Alves, B.; Brito, T.; Lucena, K.	Avanços e desafios no enfrentamento da violência doméstica: revisão integrativa	2024	Revisão integrativa que sintetiza evidências sobre enfrentamento da violência doméstica; aponta avanços, lacunas e recomendações.
Francisco, E.; Oliveira, J.; Weizemann, L.; Karas, G.; Cheffer, M.	Assistência de enfermagem a mulheres vítimas de violência doméstica na atenção primária: reconhecimento, acolhimento e manejo	2024	Fortalece a atuação da Atenção Primária e da enfermagem no reconhecimento/acolhimento/manejo; indica fluxos e necessidades de capacitação.
Miranda, C.; Nogueira, R.; Carvalho, M.	Violências contra mulheres jornalistas no exercício profissional: o cenário hostil vivenciado no Brasil	2024	Evidencia violência de gênero no campo profissional (jornalismo); amplia a compreensão para além do âmbito doméstico.
Miranda, R.	Violência contra a mulher e o aumento dos índices de violência doméstica no Brasil	2024	Discute crescimento/agravamento dos índices e seus fatores; contribui para contextualização do problema e debate de políticas de enfrentamento.
Araújo, W.; Souza, L.	Uma análise da percepção da sociedade brasileira sobre a violência contra a mulher	2025	Aborda percepções sociais sobre violência contra a mulher; útil para compreender opinião pública, cultura e obstáculos à mudança.
Bertolin, P.; Andrade, D.; Marcandeli, R.	Estaria o judiciário brasileiro apto a julgar com perspectiva de gênero? reflexões necessárias considerando a realidade nacional	2025	Debate capacidade do Judiciário em adotar perspectiva de gênero; contribui para formação/decisões e redução de vieses institucionais.
Holanda, R.; Sá, P.	A persistência do feminicídio no Brasil: análise jurídico-social da violência de gênero no contexto do ordenamento brasileiro	2025	Articula análise jurídico-social da persistência do feminicídio; reforça limites do ordenamento e a necessidade de ações integradas.
Machado, S.	Entre avanços e resistências: a violência contra a mulher no Brasil contemporâneo	2025	Leitura panorâmica do cenário contemporâneo; ajuda a interpretar tensões entre progresso normativo e resistências sociopolíticas.

Fonte: Elaboração do próprio autor

Esse quadro é importante porque organiza cronologicamente a produção selecionada e permite visualizar a evolução do debate sobre violência contra a mulher no Brasil (e em interfaces), identificando mudanças de foco (pandemia, interseccionalidade, atuação da saúde, sistema de justiça, feminicídio e violência no trabalho). Além de facilitar a escrita do referencial teórico e da discussão, o



quadro ajuda a localizar lacunas, comparar abordagens e justificar, com mais rigor, a relevância e o recorte do seu estudo.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do corpus constituído por materiais digitais da *manosphere* brasileira revelou padrões discursivos recorrentes que estruturam a ideologia *redpill* e estabelecem conexões diretas com a legitimação da violência de gênero. Os conteúdos examinados organizaram-se em torno de três eixos temáticos principais: naturalização da desigualdade de gênero mediante argumentos biologizantes, vitimização masculina como estratégia de inversão de responsabilidades, e desqualificação sistemática de mulheres e do feminismo. Esses eixos não operam isoladamente, mas articulam-se para produzir narrativa coerente que justifica a dominação masculina e minimiza a gravidade da violência contra mulheres.

O primeiro eixo identificado fundamenta-se em essencialismo biológico que apresenta diferenças de gênero como naturais, imutáveis e hierárquicas. Os materiais analisados mobilizam pseudociência para argumentar que homens seriam naturalmente superiores em racionalidade, liderança e força, enquanto mulheres seriam emocionais, manipuladoras e dependentes. Kalb e Silva (2023) demonstram como a interseccionalidade amplifica vulnerabilidades, evidenciando que violência de gênero não pode ser compreendida sem considerar múltiplos marcadores sociais. Os discursos *redpill*, contudo, ignoram deliberadamente essas complexidades, preferindo explicações simplistas que reduzem relações de gênero a determinismos biológicos. Essa estratégia discursiva serve para deslegitimar reivindicações feministas, apresentadas como contrárias à natureza humana e, portanto, fadadas ao fracasso.

O segundo eixo caracteriza-se pela construção narrativa de vitimização masculina. Os conteúdos analisados retratam homens como prejudicados por transformações sociais decorrentes dos movimentos feministas, alegando que conquistas de direitos por mulheres teriam resultado em discriminação contra homens. Lavratti e Júnior (2022) analisam vulnerabilidades específicas de mulheres sem terra durante a pandemia de COVID-19, revelando como crises amplificam desigualdades preexistentes. Paradoxalmente, os discursos *redpill* invertem essa lógica, apresentando homens como vítimas primárias de injustiças sociais. Essa inversão opera duplo movimento: absolve homens de responsabilidade por violências perpetradas e simultaneamente culpabiliza mulheres por supostos privilégios indevidos. A estratégia mostra-se particularmente eficaz para recrutar jovens que experimentam frustrações pessoais, oferecendo-lhes explicação externa para seus fracassos e inimigo identificável contra o qual direcionar ressentimentos.

O terceiro eixo manifesta-se na desqualificação sistemática de mulheres e do feminismo. Os materiais analisados empregam vocabulário depreciativo para referir-se a mulheres, retratando-as



como manipuladoras, interesseiras e incapazes de racionalidade. Lobo (2020) examina como o isolamento social durante a pandemia intensificou a violência doméstica, destacando a incomunicabilidade da dor das vítimas. Os discursos *redpill* negam ou minimizam essa realidade, argumentando que denúncias de violência seriam frequentemente falsas ou exageradas. Essa desqualificação sistemática cumpre função específica: minar a credibilidade de mulheres que denunciam violências, dificultando o reconhecimento social do problema e perpetuando a impunidade de agressores.

A análise revelou, ainda, estratégias discursivas sofisticadas de legitimação da violência. Embora os conteúdos raramente defendam explicitamente agressões físicas, constroem ambiente discursivo que normaliza controle, coerção e dominação masculina sobre mulheres. Machado (2025) identifica tensão entre avanços legislativos e resistências culturais no enfrentamento da violência contra mulheres no Brasil contemporâneo. Os discursos *redpill* inserem-se precisamente nesse campo de resistências, oferecendo justificativas ideológicas para manutenção de privilégios masculinos e contestação de conquistas feministas. A violência aparece nesses discursos não como problema a ser combatido, mas como resposta legítima a supostas provocações femininas ou consequência natural de mulheres que transgridem papéis tradicionais de gênero.

Observou-se, também, processo de radicalização gradual nos conteúdos. Materiais introdutórios apresentam críticas aparentemente razoáveis a aspectos específicos do feminismo, enquanto conteúdos mais avançados defendem posições explicitamente misóginas. Meneghel (2019) questiona se universidades seriam imunes a discriminações sociais, evidenciando que instituições educacionais reproduzem desigualdades presentes na sociedade mais ampla. A *manosphere* explora essa realidade, apresentando-se como espaço de educação alternativa onde jovens aprenderiam verdades supostamente ocultadas por instituições acadêmicas feministas. Essa estratégia de deslegitimação do conhecimento acadêmico facilita a aceitação de narrativas pseudocientíficas e conspiracionistas que fundamentam a ideologia *redpill*.

A relação entre discursos digitais e práticas concretas de violência constitui aspecto crucial dos achados. Miranda *et al.* (2024) documentam violências contra mulheres jornalistas no exercício profissional, revelando cenário hostil vivenciado no Brasil. Os discursos *redpill* contribuem para esse cenário ao normalizar hostilidade contra mulheres que ocupam espaços públicos ou desafiam autoridade masculina. Embora não seja possível estabelecer causalidade direta entre exposição a conteúdos misóginos e perpetração de violência, os dados sugerem que esses discursos criam clima cultural que facilita e legitima agressões. Homens expostos continuamente a narrativas que desumanizam mulheres e justificam dominação masculina podem internalizar essas perspectivas, incorporando-as a suas próprias subjetividades e práticas relacionais.



Miranda (2024) analisa o aumento dos índices de violência doméstica no Brasil, evidenciando persistência do problema apesar dos avanços legislativos. Os achados desta pesquisa sugerem que movimentos digitais misóginos como a ideologia *redpill* constituem obstáculo significativo aos esforços de enfrentamento da violência de gênero. Ao oferecer justificativas ideológicas para dominação masculina e desqualificar denúncias de violência, esses movimentos trabalham ativamente contra iniciativas de promoção da igualdade. A efetividade de políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero depende não apenas de aparato legal e institucional adequado, mas de transformações culturais profundas que desconstruam fundamentos patriarcais da sociedade. A ideologia *redpill* representa força contrária a essas transformações, mobilizando recursos tecnológicos contemporâneos para perpetuar estruturas milenares de opressão. Compreender seus mecanismos de operação e impactos constitui, portanto, passo fundamental para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de prevenção e enfrentamento da violência de gênero no contexto contemporâneo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs-se a analisar a relação entre a ideologia *redpill* e os impactos na violência de gênero no contexto brasileiro, investigando como discursos digitais misóginos contribuem para a legitimação e perpetuação de práticas violentas contra mulheres. A pesquisa demonstrou que a *manosphere* constitui ecossistema articulado de produção e disseminação de narrativas antifeministas que operam mediante três estratégias principais: naturalização da desigualdade de gênero através de argumentos biologizantes, construção de vitimização masculina como inversão de responsabilidades, e desqualificação sistemática de mulheres e do feminismo. Esses mecanismos discursivos não apenas refletem valores patriarcais preexistentes, mas ativamente os reconstróem e amplificam no ambiente digital, alcançando milhões de usuários e moldando subjetividades masculinas pautadas pela hostilidade ao feminino. Os achados evidenciam que a ideologia *redpill* representa obstáculo significativo aos esforços de enfrentamento da violência de gênero, oferecendo justificativas ideológicas contemporâneas para dominação masculina e contestando conquistas históricas dos movimentos feministas.

As contribuições deste trabalho situam-se em múltiplas dimensões. No plano teórico, a pesquisa articula literatura sobre violência de gênero, masculinidades e movimentos digitais, campos frequentemente tratados de forma isolada, propondo abordagem integrada que reconhece as conexões entre discursos online e práticas offline. No plano empírico, o mapeamento e análise de conteúdos da *manosphere* brasileira oferece compreensão aprofundada de fenômeno ainda pouco investigado no contexto nacional, preenchendo lacuna importante na produção acadêmica sobre violência de gênero contemporânea. No plano prático, os resultados fornecem subsídios para desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes, sugerindo que o enfrentamento da violência de gênero não pode limitar-se a



respostas jurídicas e institucionais, mas deve incluir estratégias de alfabetização digital crítica, desconstrução de narrativas misóginas e promoção de masculinidades não violentas. A compreensão dos mecanismos pelos quais a ideologia *redpill* opera constitui passo fundamental para neutralizar seus efeitos deletérios sobre as relações de gênero.

Reconhecem-se, contudo, limitações significativas que delimitam o alcance dos achados e sugerem direções para investigações futuras. A concentração em manifestações digitais da ideologia *redpill* não contempla possíveis expressões offline do fenômeno, limitando a compreensão de como esses discursos circulam e são apropriados em contextos não mediados por tecnologias. A análise privilegiou conteúdos em língua portuguesa produzidos no Brasil, não abrangendo dimensões transnacionais da *manosphere* nem possíveis especificidades culturais que diferenciam o contexto brasileiro de outros países. A natureza qualitativa do estudo, embora permita profundidade interpretativa, não possibilita generalizações estatísticas sobre prevalência ou distribuição do fenômeno. Estudos futuros poderiam complementar esta pesquisa mediante abordagens quantitativas que mensurem alcance e impacto dos discursos *redpill*, investigações etnográficas que examinem como usuários consomem e interpretam esses conteúdos, e análises comparativas que identifiquem semelhanças e diferenças entre manifestações da *manosphere* em diferentes contextos nacionais e culturais.

A violência de gênero permanece como desafio central para a construção de sociedade democrática e igualitária no Brasil. Os avanços legislativos das últimas décadas, conquistas fundamentais dos movimentos feministas, enfrentam resistências culturais profundas que se manifestam de formas renovadas no ambiente digital. A ideologia *redpill* representa expressão contemporânea dessas resistências, mobilizando recursos tecnológicos para perpetuar estruturas milenares de dominação masculina. Compreender esse fenômeno não constitui exercício meramente acadêmico, mas imperativo ético e político para todos aqueles comprometidos com a justiça social. O enfrentamento efetivo da violência de gênero exige não apenas punição de agressores e proteção de vítimas, mas transformação cultural profunda que desconstrua os fundamentos patriarcais da sociedade. Este estudo oferece contribuição modesta, porém necessária, para esse projeto coletivo de transformação, iluminando mecanismos contemporâneos de perpetuação da violência e apontando caminhos possíveis para sua superação. A luta contra a violência de gênero é, em última instância, luta pela humanização plena de todas as pessoas, independentemente de seu gênero, e pela construção de formas de convivência social fundadas no respeito, na igualdade e na dignidade.



**REFERÊNCIAS**

- Albuquerque, R. (2024). Oito anos da lei do feminicídio (13.104/15) e muitos desafios. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, 29(1), 1–19. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2024v29n1e49160>
- Alves, B.; Brito, T.; Lucena, K. (2024). Avanços e desafios no enfrentamento da violência doméstica: revisão integrativa. *Revista REMECS – Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde*, 9(15), 195–208. <https://doi.org/10.24281/rremecs2024.9.15.195208>
- Araújo, W.; Souza, L. (2025). Uma análise da percepção da sociedade brasileira sobre a violência contra a mulher. Programa de Iniciação Científica (PIC/UniCEUB): Relatórios de Pesquisa. <https://doi.org/10.5102/pic.n0.2023.9968>
- Arruda, L.; Bueno, M. (2022). Violência contra a mulher. *Academia de Direito*, 4, 871–894. <https://doi.org/10.24302/acaddir.v4.3881>
- Bertolin, P.; Andrade, D.; Marcandeli, R. (2025). Estaria o judiciário brasileiro apto a julgar com perspectiva de gênero? reflexões necessárias considerando a realidade nacional. *Prim@ Facie*, 22(51). <https://doi.org/10.22478/ufpb.1678-2593.2023v22n51.66652>
- Bervian, G.; Costa, M.; Silva, E.; Arboit, J.; Honnef, F. (2019). Violence against rural women: conceptions of professionals in the intersectoral network of care. *Enfermería Global*, 18(2), 144–179. <https://doi.org/10.6018/eglobal.18.2.324811>
- Francisco, E.; Oliveira, J.; Weizemann, L.; Karas, G.; Cheffer, M. (2024). Assistência de enfermagem a mulheres vítimas de violência doméstica na atenção primária: reconhecimento, acolhimento e manejo. *Scientific Electronic Archives*, 17(3). <https://doi.org/10.36560/17320241883>
- Garcia, D. (2020). Violência contra a mulher negra no brasil. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, 7(2), 97–120. <https://doi.org/10.21910/rbsd.v7n2.2020.381>
- Gonsalves, K.; Guimarães, A. (2021). Políticas públicas e gênero: reflexões em períodos de pandemia. *Primeiros Escritos*, 11, 249–259. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5920.primeirosescritos.2021.178963>
- Holanda, R.; Sá, P. (2025). A persistência do feminicídio no brasil: análise jurídico-social da violência de gênero no contexto do ordenamento brasileiro. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 17(7), e8967. <https://doi.org/10.55905/cuadv17n7-097>
- Kalb, C.; Silva, R. (2023). Interseccionalidade e violência de gênero dentro do lar. *Revista Direito e Sexualidade*, 4(2), 121–146. <https://doi.org/10.9771/rds.v4i2.55367>
- Lavratti, I.; Júnior, W. (2022). Mulheres sem terra em tempos de pandemia de covid-19. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, 8, 37–50. <https://doi.org/10.36311/2447-780x.2022.esp.p37>
- Lobo, J. (2020). Uma outra pandemia no brasil: as vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, 8(1), 20–26. <https://doi.org/10.15210/tes.v8i0.18901>
- Machado, S. (2025). Entre avanços e resistências: a violência contra a mulher no brasil contemporâneo. *Revista de Gestão e Secretariado*, 16(5), e4892. <https://doi.org/10.7769/gesec.v16i5.4892>



Meneghel, S. (2019). Será a universidade imune às discriminações sociais? *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 23. <https://doi.org/10.1590/interface.190577>

Miranda, C.; Nogueira, R.; Carvalho, M. (2024). Violências contra mulheres jornalistas no exercício profissional: o cenário hostil vivenciado no Brasil. *Revista Contracampo*, 43(1). <https://doi.org/10.22409/contracampo.v43i1.59053>

Miranda, R. (2024). Violência contra a mulher e o aumento dos índices de violência doméstica no Brasil. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, 5(10), e5105782. <https://doi.org/10.47820/recima21.v5i10.5782>

